

PAPER REVIEW:

Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs

BENCHIMOL, Sílvia H. B.¹

Neste texto, tenho por objetivo promover reflexão mais aprofundada das teorias e modelos que tratam das competências subliminares ao fazer do tradutor, como aporte de base para apreensão do desenho dos currículos dos cursos de formação. Foi utilizado como recurso basilar, o artigo *Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach* de autoria de Anthony Pym. O artigo em análise foi publicado em 2003, no volume XLVIII, número 4 do *Journal META: Journal des Traducteurs / Translator's Journal* que agrega trabalhos com foco em todos os aspectos relacionados com tradução e interpretação e debruça-se sobre pontos cruciais como: o uso do termo competência, o conceito de competência tradutológica, a noção de competência tradutológica como um construto multicomponencial, e faz uma relação entre estas questões e as demandas contextuais de uma era de grandes avanços tecnológicos cujas repercussões implicam também em revisitar e reconstruir conceitos e posições teóricas que tangenciam ou priorizam o uso dos recursos da tecnologia em prol da atividade de tradução.

Pym, pesquisador australiano, reconhecido por seus trabalhos na área dos estudos de tradução, recebeu seu grau de doutoramento em Ciências Sociais pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, Paris. Hoje, atua como docente na Universidade de Rovira na Espanha nas cadeiras de Tradução e Estudos Interculturais e preside a *EST European Society for Translation Studies*.

Os estudos de PYM, concentram-se na vertente aplicada da tradução e procuram consolidar-se a partir de análises críticas e constatações decorrentes de pesquisas anteriores de diversos autores sobre a temática das competências e subcompetências tradutológicas, realizadas

¹ Doutoranda em Tradução e Terminologia (UA) Universidade de Aveiro - Portugal, Mestre em Estudos Linguísticos (UFPA), Graduada em Pedagogia e Licenciada Plena em Letras Inglês. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa (UFPA), Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva (UEPA) e em Assessment for EFL / ESL pela Universidade de Indiana- US.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8002163769688750>. sbenchimol@ufpa.br

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

no escopo de alguns projetos, dentre os quais, ressaltamos o do grupo PACTE que tem Hurtado Albir como principal investigadora na Universitá Autónoma de Barcelona na Espanha. (PACTE, 2005)

Subliminares a este texto de Pym, encontram-se os princípios epistemológicos de um investigador de postura excessivamente crítica e iconoclasta, que promove a defesa de uma metodologia menos complexa e contraditória que favoreça o minimalismo e a objetividade no ensino de tradução. Outros trabalhos de PYM como o apresentado por ele na Conferência do Institute of International Studies em setembro de 2009 em Monterrey, por exemplo, mostram seu compromisso com o mapeamento de pesquisas anteriores sobre o processo da tradução. O autor defende que a tarefa de definir aquilo que “precisa ser ensinado” está ligada à detecção das diferenças existentes em textos produzidos por tradutores menos e mais experientes. Nessa linha de pensamento, refere-se aos trabalhos de investigação desenvolvidos por vários outros pesquisadores como Bell (1991); Nord (1991); Neubert (1994), Lee- Jahnke (1997), Hatim e Mason (1997), Hewson (1995), Hurtado (1996), Presas (1997), para exemplificar alguns.

Pym, notadamente, reforça a posição de que o ensino da tradução não pode estar desvinculado das questões profissionais, na perspectiva da economia de mercado e dos meios de produção, e que os tradutores aprendizes devem adquirir estas habilidades demandadas pelos contextos econômicos específicos onde irão atuar. Tal ponto de vista é também destacado em sua palestra *Language Technologies and the Translation Professions* em Monterrey 2010.

Essa breve contextualização nos instrumentaliza para a leitura e reflexão sobre o artigo de 2003, alvo desta resenha, que inicia com uma auto reflexão de Pym surgida das diferentes expectativas que subsistem na relação entre docentes e discentes dentro de um currículo de formação do tradutor. De um lado, a ânsia do jovem tradutor em habilitar-se para as necessidades práticas de produção exigidas pelo contexto, de outro a preocupação do docente em historiar, localizar, apresentar e explicar as bases teóricas e potenciais das ferramentas de apoio e de refletir sobre os processos cognitivos envolvidos.

Vejo que o que pontua Pym, de forma legítima e compreensível a qualquer docente, é apenas a ponta exposta de um iceberg epistemológico ainda envolvido em nebulosidades. O artigo segue problematizando algumas destas questões difusas sobre o tema maior – o problema pedagógico e teórico sobre o que é traduzir e como se deve ensinar a traduzir. Proponho-me,

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

portanto, a destacar fragmentos deste artigo, que me despertam particular interesse como tradutora e educadora implicada com a formação e com os componentes curriculares dos cursos de tradução.

Pym apresenta criticamente, no início de seu texto, o pensamento labiríntico de Wills (1976) que nega, confronta, reafirma e subdivide a noção de competência em uma cadeia de ideias vacilantes sobre a consistência da definição do termo. Wills envida diferentes tentativas de penetração do conceito de competência que Pym propositadamente se refere em seu artigo de forma desafiadora. A percepção de Pym sobre as ideias contraditórias de Wills ficam bem expressas nas indagações retóricas que faz em relação aos quatro aspectos considerados por Wills em relação à competência tradutológica, que transcrevo e comento em seguida:

- (i) A Ciência Aplicada da Tradução não responde satisfatoriamente sobre qual seria a qualificação profissional mínima exigida de um tradutor, especialmente porque a competência translacional, como unidade, inexistente para Wills, sendo, portanto, indefinível. Quando confere à competência tradutológica um status de inexistência por não haver uma qualificação “uniforme” para o campo de trabalho da tradução, Wills afasta, portanto, a competência, do âmbito das questões de qualificação profissional. Esta posição é contradita por Pym.
- (ii) O Tradutor precisaria de uma gama de oito categorias de competências, cada qual com duas subcategorias para as duas línguas: a de origem e a de chegada. Pym aponta uma drástica contradição entre estas duas primeiras proposições além de questionar a ausência de explicações no estabelecimento de tais categorias.
- (iii) As duas subcompetências (referentes as línguas envolvidas) têm entre si uma relação complementar e juntas constituem a base da competência tradutológica. Pym considera que esta seja uma visão somativa da competência tradutológica, uma versão abstrata do bilinguismo de Harris (1978) em cuja ótica, a competência seria a somatória do que o tradutor sabe nas duas línguas em questão. Para Pym, esta não é uma definição aceitável para quem busca independência institucional e o desligamento da Linguística nos estudos de tradução.
- (iv) A competência tradutológica seria algo fora do âmbito das quatro habilidades monolíngues (falar, ouvir, ler e escrever). Constituir-se-ia em uma “supercompetência”

Pym considera que estas quatro proposições de Wills se confrontam intimamente, nulificam-se em alguns casos e, assim, fragilizam os princípios teóricos do autor. A pergunta que Pym formula: *Which of those ideas was to win the day?* resume o seu pensamento reptador.

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

Ao refletir sobre estas afirmações de Wills, especialmente no que tange às limitações da ciência aplicada, questiono-me sobre qual deveria, de fato, ser o cerne do compromisso dos cursos de formação de tradutores senão a busca destas competências e de suas aplicabilidades às especificidades contextuais. E neste sentido, qual direcionamento científico deveria guiar as opções e escolhas dos conteúdos a integrar tais currículos?

Pym prossegue justificando a negação de Wills em lidar com o termo competência na perspectiva profissional, de duas formas: a primeira é o fato de Wills ter em mente a noção de tradução como uma ciência eterna, enquanto Pym enfatiza uma visão dinâmica das competências que variam com o avanço tecnológico e as demandas sociais. A segunda, é o fato do termo competência já ser amplamente utilizado na Linguística com significações bem consolidadas e conhecidas dentro no escopo desta ciência. Isto posto, o autor desenvolve uma análise bastante rica sobre as diferentes concepções do termo, por diferentes autores em diferentes contextos científicos e históricos.

Ainda a respeito desta relação de dependência com a Linguística, o autor faz uma interessante retomada dos conceitos de “competência” (as regras do sistema) e “performance” (o desempenho) segundo Chomsky e em seguida, uma arriscada, mas pertinente, ligação destes termos com o binômio “langue” e “parole” de Saussure. Partindo-se da premissa da legítima equivalência desses conceitos, comenta Pym, o que se concebe como competência tradutológica deveria ser, portanto, um conhecimento sistematizado por regras que subjazem a “performance”, isto é, que subjazem o desempenho do tradutor da mesma forma que as regras gramaticais subjazem o uso da língua falada. Para efeito de iluminar um pouco mais este raciocínio, acrescento que para Chomsky (1965) a competência não se expressa apenas por um bom desempenho, mas pela faculdade inata de domínio de certos princípios o que se dá por meio das estruturas neuro fisiológicas complexas e organizadas, o que, ao meu ver, se assemelha ao modo que Pym expressa suas ideias sobre as competências tradutológicas.

Entretanto, segundo o que Pym relata neste texto, o que se verifica nos estudos da tradução é que a competência tradutológica não está relacionada a um constructo sistematizado de conhecimentos, tal como não está a gramática em relação à língua. A competência tradutológica, está sim, muito mais identificável como as características da performance de Chomsky, isto é, o desempenho do tradutor. Assim, Pym refuta a possível relação com os termos

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

chomskyanos.

Pym, também faz referência à visão de Koller que analisa, como qualitativamente diferentes, as competências tradutológica e linguística, aproximando as características da competência tradutológica ao conceito Chomskiano de performance e separando estrategicamente os Estudos Tradutológicos da Linguística Contrastiva. Sequencialmente, o artigo trata das diferentes tentativas de definição do termo competência tradutológica, sob a perspectiva dos desacertos terminológicos e dos outros conceitos que ele encerra em si. Estes desencontros distinguem a competência como: um somatório de conhecimentos (Wills, 1988; Bell, 1991; Schäffner and Adab, 2000), estratégias para a solução de problemas (Lörscher, 1991), capacidade de mapeamento de habilidades (Shreve, 1997), consciência de estruturas contrastivas (Nord, 1991), entre outras.

Entretanto, como o artigo revela, a tendência de explicar a competência em tradução por meio de um modelo multicomponencial ganhou força gradativamente motivada pelos parâmetros da linguística e seus níveis de performance também nas pesquisas de Hatim and Mason (1997), Hurtado (1996), Presas (1997).

Pym percorre as proposições teóricas de uma série de autores para, ao final deste trajeto, ressaltar que Douglas Robinson em *Becoming a Translator* (1997) examina com seriedade as necessidades do mundo real e seus impactos na formação do tradutor, citando as habilidades de boa digitação, interações em espaços virtuais e condições ambientais adequadas. Esta parece ser para Pym uma abordagem satisfatória. Um outro ponto que reputo como bastante relevante no artigo de Pym é a forma como argumenta e discorre sobre as possíveis justificativas para o crescimento das listas de competências tradutológicas. O autor hipotetiza que o possível afastamento da ciência tradutológica em relação ao núcleo duro da Linguística possa estar nas bases deste movimento de complexificação das competências, já que, ao olhar a tradução, sob o status de uma “interdisciplina” justifica-se que aspectos relacionados a outros campos do conhecimento possam estar se agregando àquelas que seriam as competências básicas do tradutor como a competência linguística-bilíngue, por exemplo.

Aqui, faço uma extrapolação da análise do artigo para revisitar o trabalho do grupo PACTE (2003) no qual se veem competências extralinguísticas e componentes psico fisiológicos integrando o modelo TC proposto. Este é um dos pontos nodais para a construção curricular: o

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

risco da fragmentação, posto que, por natureza, a interdisciplinaridade pressupõe dimensões diferentes para o estudo do objeto e corrobora o alcance de sua complexidade sem o ônus da fragmentação. E o que Pym critica é exatamente isso: a fragmentação proposta pelos modelos multicomponenciais que tentam desvendar a complexidade. Pym analisa esta subdivisão como um fator complicador.

Segundo Morin (2002) citado por Szczepanik e Keitel, quando se tenta abordar a complexidade do mundo por fragmentos dele, assim como ocorre a separação das áreas do conhecimento em disciplinas curriculares, os problemas multidimensionais desse mundo são conseqüentemente fragmentados tornando-se problemas unidimensionais e a implicação disto é a degeneração das possibilidades de compreendê-lo criticamente. Seriam então as competências e subcompetências formas nocivas de fragmentação? Assim como as disciplinas de um currículo de curso, seriam também um empecilho à compreensão da complexidade do fazer tradutor? Julgo que não e substancio minha opinião na validação dos critérios para a configuração destes “recortes do todo”. Acredito que, no caso das disciplinas de um currículo, a análise de necessidades, e o planejamento consciente dos objetivos que se deseja alcançar, a observância de um projeto pedagógico bem estruturado e dos contextos de situação e cultura, sejam fortes elementos norteadores para a seleção destes recortes. No caso dos multicomponentes da competência tradutológica, a sua natureza sistêmica e complexa (LARSEN-FREEMAN, 1997) de interrelação e interdependência já caracterizam um todo amalgamado que contesta a noção de fragmentação compartimentalizadora.

Todavia, o que Pym propõe é um conceito, que para além das listas e sistematizações, venha definir simplesmente o que é traduzir e só a partir disto todo o resto seria ordenado. Mas de onde surgiria o tal conceito? Essa é a preocupação que se estende pelos próximos parágrafos do artigo nos quais Pym recorre aos dados empíricos de dois trabalhos conduzidos por Krings (1986) e Campbell (1992), todavia, para Pym em ambos os casos, os dados não pareceram contribuir muito para elucidar ou definir a especificidade do traduzir, exceto por um termo “disposition” utilizado na categorização de dados no estudo de Campbell no qual Pym viu algo que parecia pertencer mais exclusivamente ao traduzir.

Finalmente, Pym nos apresenta o que considera uma definição minimalista da competência tradutológica (Pym 1991), e realmente o é, a julgar pela economia de componentes –

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators” Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

apenas dois – mas não menos densos ou complexos como ele próprio reconhece ao dizer: “nossa definição espera dizer muito em poucas palavras”:(i) a habilidade para gerar uma série de mais de um texto de chegada para um texto de saída pertinente; (ii) a habilidade de selecionar um texto de chegada da série gerada, rapidamente, e de forma justificadamente confiante. Observa-se que o autor adota um enfoque na perspectiva *top down* para chegar à sua definição minimalista de competência, mas sem desconhecer a complexidade e a natureza interdisciplinar ali contidas. Isto é verificável no trecho abaixo transcrito no original:

There can be no doubt that translators need to know a fair amount of grammar, rhetoric, terminology, computer skills, Internet savvy (...), and the rest, but the specifically translational part of their practice is strictly neither linguistic nor solely commercial.

Entretanto, Pym prefere olhar para esta concentração densa de habilidades como uma competência dupla para gerar possibilidades de solucionar problemas, o que, para ele, ocorre de forma mais automática, implícita e procedimental do que consciente, explícita e declarativa². Considero neste sentido, que a proposição de Pym, para um estudo de formação, exacerbadamente simplista e entendo que a economia de componentes, só os torna mais densos e difíceis de penetrar. Como se o determinismo de ser um bom tradutor fosse uma dádiva divina que atinge a alguns e não a outros e que de nada adiantaria tentar aprender essa competência.

Nos exemplos que Pym utiliza para ilustrar a habilidade de solucionar problemas, emerge uma situação bem específica de tradução em que a solução para o texto de chegada transcende a equiparação bilíngue dos termos e se desmembra em duas possibilidades – ‘redução’ ou ‘extensão’ do texto, e o fator determinante da escolha seria o leitor a quem ele se destina. Uma decisão orientada pela pragmática e extremamente desafiadora para transmitir com precisão. A função do texto e a relevância de seu utilizador, são sem dúvida fatores de grande influência nas opções do tradutor, mas não apenas isso. O tradutor, como o percebo, está a mediar um processo de ressignificação do texto original no qual interage com as ideias do seu autor; e ao mesmo tempo está a produzir um novo texto que deve impactar adequadamente o leitor – utilizador. Há, portanto, dois polos a controlar a sua atividade.

O artigo, então, passa a nos direcionar o olhar para o prisma social, voltado ao contexto da leitura e do leitor. Logo, percebo na perspectiva de Pym o deslocamento da ênfase do trabalho

² <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/M5.pdf>

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533> ar: DOI: 10.7202/008533ar

do tradutor – produtor do texto de chegada, para o leitor – destinatário, onde a viabilidade das alternativas de tradução são prioritariamente determinadas por estes contextos de situação e de cultura do leitor - utilizador.

Segundo PYM, de sua proposta de competência tradutológica resulta entre outras coisas o mapeamento de uma área institucional do que deveríamos ensinar em nossos cursos de formação de tradutores. É neste viés que encontro possibilidades de estudos mais direcionados à estruturação curricular e a definição dos saberes e práticas que devem constituí-los, considerando-se a natureza pragmática, mas complexa e ainda assim, sistematizável da tradução.

A defesa que Pym faz de sua metodologia minimalista para o tratamento do conceito de competência tradutológica, finca suas bases nas premissas de um ensino para tradutores que seja: relativamente não analítico, condicionado ao contexto e orientado para o exemplo. Em seguida, a ideia de libertação do ensino da tradução em relação às outras áreas do conhecimento, especialmente a do ensino e aprendizagem de línguas passa a ser problematizada no artigo de Pym. Ele enfatiza que apesar da luta acirrada pela delimitação destes campos disciplinares nos anos 90, como no caso de Mary Snell-Hornby emergiram, como consequência da cisão, as dificuldades estruturais dos currículos dos cursos de formação de tradutores elaborados sob a perspectiva da multicomponencialidade. Esta dificuldade mencionada no artigo e que muito provavelmente refere-se à seleção dos conteúdos e disciplinas para os referidos desenhos curriculares, resultou, na visão de Pym, em desaceleração (no *pressingneed*) das tentativas de separar os dois domínios profissionais.

Pym reserva à teoria, em seu modelo, o papel produtivo ou redutivo, ambos extremamente necessários, ao contrário de outros modelos que o autor analisa quanto às suas limitações em um dos dois aspectos e quanto a uma tendência comum em tratar a competência como um complexo de vários tipos de conhecimentos declarativos e habilidades técnicas.

Em relação às interações entre instrutores e aprendizes, Pym refere-se como ‘autoritárias’ as relações verticalizadas em que instrutores oferecem o seu texto de chegada como referência e a partir dele, procedem as avaliações dos textos divergentes produzidos pelos aprendizes. Posiciona-se, entretanto, favoravelmente às construções diferenciadas dos aprendentes, admitindo e incentivando que estas elaborações sejam assessoradas por instrutores, ferramentas tecnológicas, redes de negócios e *experts* de determinadas áreas de conhecimento. Assim Pym faz

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

sua defesa sem preconceitos, ao uso das ferramentas tecnológicas e mecanismos de *websearch* sem, no entanto, construir a sua apologia ou render-se à sua supremacia e sem confundir meios com fins.

Considerações finais

A leitura do artigo de Pym, apesar do tom irônico e cáustico que lhe é peculiar na elaboração de suas críticas, me traz de volta alguns pontos de reflexão subliminares a esta análise e que são o cerne de minha intenção investigativa. Entre eles está a convicção de que a concepção multicomponencial e que conduz „da parte ao todo“ é didática e formativa e não necessariamente fragmental, posto que deve ser sistêmica, é uma organização *bottom-up* que vai das partes mais discretas ao todo e não uma tendência desagregadora que complica e desvia. Reforçou-me, igualmente, a percepção de que as competências, em suas subunidades, refletem a organização de um Modelo Fractal - Teoria do Caos e apresentam características semelhantes a das disciplinas constitutivas do desenho curricular dos cursos de formação. Os recortes do todo (as disciplinas) não mutilam esse todo devido às suas características inter e transdisciplinares. Desta forma, não identifico como danosa esta dinâmica multicomposicional, tão criticada pelo autor.

Uma concepção de natureza excessivamente pragmática e voltada ao mercado consumidor do produto tradutológico, como sugere Pym, e que concebe estas competências como „de penetração desnecessária“, parecem-me desconsiderar o elemento reflexivo de “awareness” de fundamental importância, inclusive motivacional. Tentar compreender o que acontece enquanto se traduz e sistematizar o processo, pode motivar e autonomizar aquele que busca a formação diante de suas dificuldades e melhorar a qualidade de seu texto. O treino intensificado, per si, pode aligeirar a produção do tradutor, mas a automatização acelerada não garante implemento de qualidade do produto resultante. Acredito que a aprendizagem é, em grande parte, fruto de análise e reflexão crítica e que esta análise perpassa por uma decomposição estratégica e esquemática necessária. Vejo que em meio a muitas críticas observa-se um discurso eloquente, do autor, porém esvaziado em substância científica.

Referências Complementares

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators" Journal*, vol. 48, nº 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar

HARRIS, B.; SHERWOOD, B. Translating as an Innate Skill in Gerver, D. & Sinaiko, H. (Eds.), *Language, Interpretation and Communication*. New York: Plenum Press. 155-170, 1978.

<http://www.bokorlang.com/journal/39bilingual.htm>

<http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/M5.pdf>

LARSEN-FREEMAN, D. 1997 Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*. 18 (2):141-165, 1997.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2005.

PYM, Anthony. *Redefining Translation Competence in an Electronic Age*. In *Defence of a Minimalist Approach: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 48, n° 4, 2003, p. 481-497. URI: <http://id.erudit.org/iderudit/008533ar> DOI: 10.7202/008533ar